

Saudação de boas-vindas

Mons. Cónego EDUARDO DE MELO PEIXOTO, Deão do Cabido

Saudar Vossas Excelências, desejando-lhes boas-vindas e óptima estadia, é, para mim, Deão do Cabido Metropolitano e Primacial bracaraense, um grato dever e elevada honra.

São e representam Vossas Excelências a flor e o fruto sazonado do pensamento, e igualmente uma parcela brilhante do escol cultural da Nação — pensamento e cultura que são património espiritual desta Pátria que muitos hoje tentam esquecer e outros vilipendiar. Assim, é dever nosso, Cabido milenário, porque nos sentimos ufanos com a vossa presença, saudar a todos calorosamente.

A Academia Portuguesa da História, na pessoa de Vossa Excelência, Senhor Presidente, e de outros membros, teve já a gentileza de se encontrar *intra muros* desta cidade augusta para homenagear Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz e a Corporação Capitular nas pessoas de alguns dos seus membros

Nestes dias, a Academia Portuguesa da História regressa — qual peregrina contagiante de alegria — para neste *altar da Pátria* que é a velhinha Sé de Braga, prestar culto e agradecer a Deus a dádiva que foi para a Pátria e para a Igreja a pessoa de D. Lourenço Vicente, Arcebispo de Braga.

Igualmente, daqui saudamos o povo da Lourinhã, torrão natal de D. Lourenço e que se sente ufano pelo seu patrício... e o honra sobremaneira!

Para nós homens, verdadeiramente homens pelo lídimo carácter, interessam as ideias claras, os princípios exactos e os valores perfeitos, mas necessitamos de os encontrar, ver e sentir corporizados e vividos nas pessoas que nos orientam, governam ou vivem a nosso lado.

Por isso afirmamos com frequência que somos carentes mais de exemplos que de palavras.

Um rol imenso de individualidades que seria moroso enumerar, temo-lo connosco, *na família*, tão rico é o elenco de figuras pátrias e eclesiásticas que nos precederam e que nos encantam e nos arrastam.

Hoje, porém, fixamo-nos na egrégia figura de D. Lourenço Vicente, Arcebispo que foi desta Augusta Arquidiocese Bracarense.

É figura que merece a admiração, o carinho, a devoção e o estudo de todos nós. Por isso aqui estamos.

Temos consciência do despudorado empenhamento reinante em prol da destruição das realidades e valores que informam a nossa sociedade. Diariamente surgem na ribalta, quer aberta quer veladamente, afirmações escritas, ou orais, ou televisivas que visam a ruína.

Precisamos de, em massa, reagir... às vezes podemos assemelhar-nos a filhos de outra mãe, tal é a passividade com que nos comportamos perante os maus tratos e ignominiosas ofensas que atingem Deus, a Igreja e a Pátria!

Que a recordação deste heróico Arcebispo nos espevite.

Tenho para mim que a Academia Portuguesa da História não se pode ficar na contemplação dos factos verdadeiramente averiguados ou na investigação dos que ainda permanecem obscuros... mas deve alimentar com urgência a nossa sociedade com o caldo da verdadeira história, afastando a mentira, o erro, a calúnia... e encaminhando o homem, rumo ao futuro, percorrendo a estrada de terra batida do passado e ora beneficiada com o tapete do progresso. Daqui depende o conforto e a segurança de todos nós.

Aqui estamos para viver mais uns dias de franca e boa fraternidade.

Que São Lourenço e São Vicente, patronos do nosso homenageado destes dias, nos assistam e nos ajudem a passar pelo fogo sem nos queimarmos, mantendo cada um de nós *vincentius*, isto é, *invicto*.

Obrigado pela vossa amável presença e prestimosa colaboração.